

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS

CURSO DE JORNALISMO

LAURA QUADROS ANTUNES

“CACAU AMARGO: UMA HISTÓRIA DE ESPANTAR NO SUL DA BAHIA”

WEBREPORTAGEM

SÃO PAULO

2º SEMESTRE 2021

LAURA QUADROS ANTUNES

“CACAU AMARGO: UMA HISTÓRIA DE ESPANTAR NO SUL DA BAHIA”

WEBREPORTAGEM

Relatório final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marcia Detoni.

SÃO PAULO

2º SEMESTRE 2021

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de sua autora.

O produto deste relatório pode ser encontrado no endereço:

<https://lauraquadros5.wixsite.com/cacauamargo>



*É aconselhável que o acesso seja feito via computador

Última atualização: 23/11/2021

Dedico este trabalho à minha avó, a quem devo tudo. Ela que abraçou o meu sonho de sair de Salvador e vir para São Paulo estudar Jornalismo. Ela que nunca desistiu e sempre acreditou em mim, até quando eu mesma não acreditei e cogitei desistir. Ela que também me ensinou que o conhecimento é o bem mais precioso que nunca, nem ninguém, poderá roubar de mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Presbiteriana Mackenzie e aos meus professores do curso de Jornalismo por terem me acolhido durante esses oito semestres, e por terem me proporcionado um ensino tão rico em conhecimento e tão humanizado, me fazendo ter orgulho da profissão que tanto amo e escolhi.

À minha orientadora, Marcia Detoni, que sempre admirei, antes mesmo da orientação, por sua trajetória no mercado de trabalho e excelente profissional que é. Você me inspira como jornalista, mulher, professora e ser humano.

À minha família, que sempre acreditou em mim e me apoiou com o meu sonho de me mudar para São Paulo estudar Jornalismo. Em especial, aos meus avós e pais, que sempre estiveram do meu lado.

Aos meus grandes amigos que São Paulo me presenteou, pessoas incríveis que conheci ao longo desses quatro anos e que se tornaram a minha família, me acolheram e mudaram a minha vida. Sem vocês nada teria sido o mesmo. Em especial, à Bruna, Carol, Giulia e Isabella e ao meu namorado, que é o meu melhor amigo, Leonardo.

E por fim, agradeço aos trabalhadores das lavouras de cacau em Ilhéus, homens fortes, corajosos e que carregam histórias inspiradoras. Além de aceitarem compartilhar comigo um pouco de suas vidas e dores, tornando possível e dando sentido a realização deste trabalho.

RESUMO

Este relatório fornece a base teórica e metodológica para a webreportagem “Cacau Amargo: uma história de espantar no sul da Bahia”. A peça tem como objetivo mostrar a realidade vivida por meeiros (trabalhadores das lavouras de cacau) na região sul da Bahia. Para a realização deste trabalho, foram utilizadas uma pesquisa bibliográfica e documental, com livros, artigos, reportagens e relatórios que abordam a exploração de trabalhadores nas fazendas de cacau e o processo de produção das reportagens transmídiaicas, além de serem realizadas entrevistas com diversas pessoas com vivência no assunto e conhecimentos sobre o tema. A produção deste material auxilia nos estudos dos meios de comunicação e possibilita os leitores aprofundarem-se na história do cacau e, principalmente, dos meeiros na região sul da Bahia, tema tão pouco presente na mídia e que precisa ser cada vez mais discutido.

Palavras-chave: cacau, meeiros, jornalismo multimídia, humanizado, e webreportagem

ABSTRACT

This report provides the theoretical and methodological basis for the web report “Bitter cocoa: a scary story in southern Bahia”. The product aims to show the reality experienced by workers in cocoa plantations in the southern region of Bahia. To carry out this work, a bibliographic and documentary research was used, with books, articles, and reports that address the exploitation of workers on cocoa farms and the production process of transmedia reports, in addition to interviews with several people with experience in the subject and knowledge on the subject. The production of this material helps in the studies of the media and allows readers to delve deeper into the history of cocoa and, especially, *meeiros* in the southern region of Bahia, a topic that is so little present in the media and that needs to be increasingly discussed.

KEYWORDS: cocoa, *meeiros*, multimedia, humanized journalism, and webreport.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 Os meeiros e o cacau no sul da Bahia	12
1.2 Jornalismo transmidiático	15
1.3 Jornalismo humanizado	17
2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	19
2.1 Pré-produção	19
2.2 Produção	22
2.3 Pós-produção	23
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICES	29

INTRODUÇÃO

Ilhéus, cidade da região sul da Bahia, estado que atualmente está entre os líderes no ranking da produção de cacau no Brasil, sempre teve no centro de sua história o cacau e seus coronéis. Essa história, tão bem contada nas obras de Jorge Amado, teve da noite para o dia uma mudança devastadora.

A partir de 1989, a cidade se deparou com seu patrimônio praticamente destruído por uma praga chamada vassoura-de-bruxa. O fungo, que muitos acreditam ter sido colocado de maneira criminosa nas plantações, dizimou mais de 80% dos produtores da região e atingiu cerca de dois milhões e meio de pessoas, entre trabalhadores e familiares. Com a grande devastação nas fazendas de cacau, os preços do produto no mercado internacional caíram de maneira drástica, o que acabou levando ao abandono de muitas propriedades. A cidade se deparou com mais de 200 mil trabalhadores desempregados e falência total dos produtos, ocasionando o maior caos social da região sul da Bahia.

Atualmente, os índices de desenvolvimento social da região são piores quando comparados com outros estados que cultivam o fruto no país (Pará, Espírito Santo e Rondônia). Segundo o IBGE, no último censo em 2010, o sul da Bahia tem o maior índice de pobreza (38,5%), menor IDH (0,625) e a menor taxa de alfabetização (85,1%). Em Ilhéus, 40,4% das pessoas recebem até meio salário e 22% vivem sem banheiro e sem água (um em cada cinco moradores). Além disso, há muitos casos de trabalho análogo à escravidão e trabalho infantil na região.

Grande parte dos trabalhadores agrícolas das fazendas de cacau, são intitulos de meeiros. Na teoria, no sistema de “meia” , o lucro da fazenda deveria ser dividido ao meio – os meeiros recebem uma metade e os donos a outra – entretanto, na prática, os meeiros não chegam a receber 10% do valor. Muitos são submetidos a condições subumanas, onde vivem em locais sem estrutura, saneamento básico e em alguns casos até sem energia e água potável.

Este trabalho de conclusão de curso tem como principal objetivo mostrar de maneira sensível e humana a realidade vivida por trabalhadores nas fazendas de cacau no sul da Bahia, denunciada nas obras de Jorge Amado nos anos 30.

A peça teve como objetivo estabelecer um panorama geral de como a produção de cacau e as relações sociais e de trabalho na região sul da Bahia estão atualmente, trazendo influências de Jorge Amado e depoimentos de trabalhadores para fazer o contraste entre os latifundiários donos de fazendas e aqueles que vivem em prol da colheita. A ideia é trazer os conflitos, anseios e o dia a dia daqueles que trabalham nas lavouras, com o objetivo de fortalecer e dar voz aos trabalhadores, servindo como ferramenta crítica para a contestação ao modelo adotado para a produção agrária de cacau nas fazendas do sul da Bahia.

Para embasar a produção da peça, foi realizada uma pesquisa teórica para compreender as características de uma reportagem transmidiática. Como diferentes elementos narrativos interagem para o aprofundamento de uma temática? Quais são as características do jornalismo humanizado? Como combinar o jornalismo humanizado à narrativa transmidiática para relatar de maneira sensível a realidade vivida por meeiros nas fazendas de cacau na região sul da Bahia?

Para responder essas perguntas, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, com as obras dos autores Henry Jenkins, Pierre Lévy e Jorge Ijuim. A pesquisa incluiu também obras de autores que abordam a produção de cacau no Brasil, como Emiliano Dantas, Francisco Mendes Costa e Naysi Silva Soares. Além de referências literárias de Jorge Amado em livros como *Cacau*, publicado em 1933 e *Terras do Sem Fim*, publicado em 1943.

Para a realização do trabalho jornalístico foram feitas entrevistas com meeiros, jornalista responsável pela reportagem que busca expor trabalhos análogos à escravidão em fazendas de cacau em Ilhéus, antropólogo e escritor do livro *Os Meeiros do Cacau do Sul da Bahia* e o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares de Ilhéus, trazendo relevância e credibilidade para a peça, além da riqueza de informações sobre o tema.

Escolhi este tema por conta da necessidade de abordar as histórias dos trabalhadores nas lavouras de cacau na região sul da Bahia, uma das regiões que mais produz o fruto no Brasil e que movimenta tanto a economia do país.

Também é uma escolha atrelada a minha naturalidade (nasci e fui criada na Bahia até os meus 18 anos) e minhas fortes influências literárias. Cresci lendo Jorge Amado e muitos de seus livros narram a história de famílias que atuaram nas lavouras de cacau e como sofreram com as condições de trabalho impostas, comandadas até o final do século XX por coronéis. Entretanto, essa realidade perdura até os dias atuais.

Contudo, como jornalista, eu vejo nesse ofício uma ferramenta para discutir questões sobre o cacau e suas relações de trabalho. Além de, enquanto jornalista, estar conectada ao debate público e às aspirações sociais.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Os meeiros e o cacau no sul da Bahia

Atualmente, o sul da Bahia conta um cenário com dados infelizes. A situação da região pode ser justificada pela herança que a vassoura-de-bruxa deixou para os habitantes, mas as dificuldades encontradas por grande parte da população vão muito além de questões climáticas, pragas ou dos preços das tecnologias utilizadas nas fazendas. Mesmo durante a época do luxo e ostentação dos coronéis latifundiários, onde nem sonhavam em sofrer com a praga, uma parcela considerável da população já sofria com a desigualdade social.

Ao analisarmos Ilhéus e Itabuna, municípios localizados no sul da Bahia e conhecidos pelo grande cultivo de cacau, percebemos que a realidade para muitos não é favorável. Segundo o último censo de 2010 realizado pelo IBGE, Ilhéus possui 184.236 habitantes. Uma pesquisa do IBGE com dados de 2018, revela que apenas 21,4% da população está empregada formalmente e durante o mesmo ano o número de matrículas no ensino médio foi inferior a sete mil. Já em Itabuna a

realidade não é tão diferente assim, com um total de 204.667 pessoas, segundo o IBGE, 49% da população vive com até meio salário-mínimo. Apenas 21,7% estavam empregados formalmente e pouco menos de 8 mil pessoas estavam matriculadas no ensino médio durante o ano de 2018.

Os historiadores Francisco Mendes Costa e Naysi Silva Soares, em *Cacau: riqueza de pobres*, falam sobre a crise que a região enfrentou por conta do cacau, mas que nunca foi o suficiente para a população adequar e adaptar os seus meios de trabalho, produção e relações sociais.

Não é de se estranhar a leniência da própria sociedade regional em acomodar-se, mesmo estando a cacauicultura cada vez mais atingida pela agudeza da crise que se mostra impenetrável e sem solução. A classe produtora esteve desprovida dos preceitos informacionais da sua própria genealogia, onde o social deixou de ser valorizado como método e análise das relações e do comportamento do produtor, mesmo usufruindo de uma riqueza que, por si só, já indicava esgotamento por depender do equilíbrio da natureza e do próprio mercado em que se insere. (COSTA; SOARES, 2016, p. 21)

Atualmente, o principal sistema de trabalho utilizado nas lavouras de cacau é o regime de meia. As pessoas trabalham em terras de proprietários para produzir o cacau e depois todo o lucro obtido deverá ser dividido entre o trabalhador e o dono da terra. Dessa divisão surgiu a ideia do "regime de meia", como é popularmente conhecido. Logo, o trabalhador da fazenda, que não era assalariado, se denominava meeiro. Meeiro é a forma como eles se identificam, mas legalmente chama-se parceiro agrícola do proprietário da fazenda, descrito no Estatuto da Terra, que teve a lei sancionada em 1964. Na maioria dos casos, não é apenas o meeiro que vive na fazenda mas também a sua família que, conseqüentemente, trabalha na lavoura, entre eles, mulheres e crianças.

Um estudo realizado pela CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), revela que os contratos de trabalho são geralmente verbais. A pesquisa foi realizada com 384 trabalhadores da região, dos quais 89 (23,18%) tinham carteira de trabalho assinada e 13 (3,38%) não tinham contrato de trabalho

assinado. Mesmo com a CLT, a principal forma de contrato de mão de obra era a diária, feita verbalmente.

No livro *Os Meeiros do cacau do sul da Bahia*, o antropólogo Emiliano Dantas traz relatos de meeiros acerca da realidade do contrato verbal.

Antes da bruxa ninguém dava de meia não, sinhó, antes não, ninguém dava não, era todo mundo na diária. Antes se o cara falasse em pedir os tempos de trabalho era mais fácil o patrão dar o pistoleiro para mandar matar o cara. Depois da bruxa pra cá foi que arrasou a região, eles viram que não tinham como manter os funcionários na diária e deram de meia. (DANTAS, 2015, p. 29)

Com uma cultura apoiada no coronelismo, muitas famílias estão presentes em relações de trabalho injustas, ditatoriais e muitas vezes em condições análogas à escravidão. Entretanto, a região parece estar conformada com a situação que perdura há anos. O escritor baiano, nascido em Ilhéus, Jorge Amado retratou tal realidade em sua obra *Cacau* em 1933. O livro é caracterizado por várias histórias contadas pelo personagem José Cordeiro, trabalhador de uma fazenda em Ilhéus. “Olhávamos para os cacauzeiros e não achávamos a solução. Se nós não estivéssemos muito acostumados com a miséria, os suicídios seriam diários. Não haveria um meio de sair daquela situação?” (AMADO, 1933, s/p.)

Em obras como: *Cacau* (1933), *Terras do sem fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944), Jorge Amado contou histórias que tinham como contexto a produção de cacau na região sul da Bahia, trazendo relatos de como era a vida sofrida de muitos trabalhadores no campo. Há também presente a crítica para o sistema que aliena e coloca os trabalhadores em situações de exploração, quase não existindo uma consciência e organização de classe.

Mais animais do que homens, tínhamos um vocabulário reduzidíssimo onde os palavrões imperavam (...). Eu, naquele tempo, como os outros trabalhadores, nada sabia das lutas de classe. Mas adivinhávamos qualquer coisa. (AMADO, 1933, s/p.)

1.2 Jornalismo transmidiático

Nos últimos anos, com o advento da internet e com os avanços tecnológicos em constantes atualizações, o jornalismo transmidiático vem sendo cada vez mais discutido e presente. Para muitos, o jornalismo transmídia pode ser entendido como uma forma de linguagem jornalística que abrange diferentes meios e recursos de comunicação, se completando entre si.

Entretanto, o termo transmidiático teve notoriedade quando utilizado pelo pesquisador Henry Jenkins, no seu livro *Cultura da convergência*, escrito em 2006. Ao decorrer da obra, Jenkins analisa o que ele caracteriza como narrativa transmidiática.

Uma história transmidiática se desenrola através de múltiplos suportes midiáticos, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do game, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo (JENKINS, 2008, p. 135).

Mas essa não foi a primeira vez que o mundo ouvia falar da transmídia, em 1999, Pierre Lévy, já havia tratado sobre o tema, ao tentar definir o que seria a multimídia, em sua obra *“Cibercultura”* publicada em 1999.

O termo multimídia é corretamente empregado quando, por exemplo, o lançamento de um filme dá lugar, simultaneamente, ao lançamento de um videogame, exibição de uma série de televisão, camisetas, brinquedos etc. Neste caso, estamos de fato frente a uma “estratégia multimídia”. Mas se desejamos designar de maneira clara a confluência de mídias separadas em direção à mesma rede digital integrada, deveríamos usar de preferência a palavra “unimídia” (LÉVY, 1999, p. 65).

A partir disso, conseguimos ver relações entre a narrativa transmidiática abordada por Jenkins, e a multimídia de Levy. Ambas trazem estratégias

relacionando diferentes veículos e mercados. É possível perceber que ambos os estudiosos estão focados na questão do mercadológica, mas ao analisarmos profundamente o assunto, é possível perceber que ele permeia em outros campos, principalmente quando levamos em consideração a forte atuação das redes sociais e sites nos dias atuais, onde os mesmos, permitem a junção de diferentes tipos de mídias, como fotos, vídeos, áudios, infográficos e gifs, em uma única plataforma.

Carlos Alberto Scolaria (2018), em *“Ecologia dos meios de comunicação, alfabetização transmídia e redesign das interfaces”*, afirma que uma matéria jornalística pode ser considerada transmídia quando há a união de elementos de comunicação diferentes para a construção de uma narrativa, que tem como principal objetivo trazer diversas informações de uma maneira que seu público consiga absorvê-las da melhor maneira. Scolari se inspirou nos conceitos chaves da narrativa transmídia sintetizada por Jenkins, no campo do entretenimento, trazendo para o âmbito jornalístico. Para Jenkins, a narrativa transmídia nasce com uma nova necessidade de atender o público, principalmente com o surgimento da internet. O mesmo acontece com o jornalismo, que constantemente precisa se reinventar.

Segundo Caetano e Dal-Vitt (2016), em *“O uso da narrativa transmidiática no jornalismo”*, o surgimento da internet causou na sociedade um aumento do anseio por informações, sendo assim, o jornalismo viu uma oportunidade de se reinventar e conseguir suprir o aumento da demanda por informações, uma vez que, a partir da narrativa transmídia, um veículo consegue incorporar diferentes mídias em uma única reportagem, tornando mais acessível o entendimento da matéria, além de trazer mais informações.

Além de trazer uma experiência mais agradável para o leitor, a liberdade também é um dos pontos positivos do jornalismo transmidiático, uma vez que, muitas vezes a pessoa pode escolher por onde quer começar a sua leitura, que na

maioria das vezes, é atemporal. Sendo assim, o leitor pode parar a leitura quando quiser e retornar quando se sentir mais confortável.

Entretanto, Carlos Pernisa Júnior (2010), em “*Jornalismo Transmídia ou Multimídia?*”, comenta que o jornalismo transmídia ainda está em desenvolvimento. É possível observar que muitos veículos de comunicação que produzem esse tipo de conteúdo, não exploram todo o potencial que a web proporciona. Mas, cada vez mais, é perceptível o avanço dos sites jornalísticos em relação às suas produções multimídias. Algumas delas, chegaram a conquistar prêmios, como foi o caso da matéria realizada pelo Estadão, *Simulação mostra quais crianças são adotadas (e quais não são) no Brasil*, premiada pela Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) por excelência em jornalismo. O mesmo aconteceu com a reportagem multimídia da Folha de São Paulo, *Líquido e Incerto*, premiada por excelência jornalística em 2015.

Apesar dos avanços tecnológicos mais recentes terem trazido benefícios à estrutura do trabalho jornalístico, com a criação de matérias complexas e inovadoras, assim como a aproximação do público e do leitor, eles também trouxeram mais exigências e complexidades para o trabalho do jornalista. É necessário que sejam feitos investimentos pelos veículos de comunicação para a formação de equipes de trabalho para a realização das reportagens multimídias, uma vez que a demanda é muito maior do que uma reportagem comum, já que serão utilizadas gravações, fotografias e o texto costuma ser mais extenso.

Contudo, uma reportagem transmídia é composta por diversos elementos, tais como fotos, vídeos, áudios, hiperlinks e gráficos. Além de elementos narrativos e literários. Eles são utilizados para trazer mais informações ao leitor e, principalmente, promover uma verdadeira imersão em relação ao tema. Sendo assim, algumas das principais características para webreportagem é a multimedialidade, interatividade, conexão e convergência de linguagens próprias da

linguagem hipermídia e do ambiente digital e online de informação, como foi dito por Raquel Longhi, em *O lugar do longform no jornalismo online*, em 2014.

1.3 Jornalismo humanizado

Para tratar de temas sensíveis como trabalho infantil, análogo à escravidão e pessoas sobrevivendo a condições subumanas, como foram alguns dos temas abordados neste trabalho, a maneira humanizada de fazer jornalismo é a mais apropriada para obter uma peça informativa e ao mesmo tempo sensível, além de envolver o leitor no tema.

Sem dúvidas, utilizar números, fontes, gráficos, pirâmide invertida e todas as ferramentas jornalísticas são importantes para fortalecer matérias e garantir precisão e credibilidade, porém ao priorizar a utilização do jornalismo humanizado, com histórias e forte presença de personagens, o jornalista consegue aproximar o leitor e/ou espectador da realidade que está sendo retratada, que muitas vezes é desconhecida. O PhD em Comunicação Social, Jorge Kanehide Ijuim, em uma entrevista dada para a revista *Alterjor* em 2016, destaca que o jornalismo humanizado é aquele que narra as sagas das pessoas comuns, suas histórias, seus desafios, seus sonhos, suas lutas. A narrativa humanizada é enriquecida pela observação e contextualização.

Construir narrativas deve envolver uma contextualização precisa e profunda, fruto de uma observação/percepção cuidadosa dos fenômenos sociais. Para as narrativas contextualizadas há que se contemplar os nexos, as significações desejáveis à audiência, de modo que esta perceba os sentidos das mensagens na sua vida. Como pode o repórter construir narrativas se contar somente com fatores objetivos, uma razão empobrecida pela supremacia da técnica e da eficiência? (IJUIM, 2007, s/p.)

Além de humanizar o texto, os personagens também servem para exemplificar ao leitor e/ou espectador aquilo que é mostrado através de dados pelo jornalista. Os personagens são, na maioria das vezes, aqueles que estão vivendo a

realidade dos fatos. A utilização de personagens em uma matéria serve para mostrar como os dados são refletidos na sociedade, na vida de uma pessoa. Desse jeito, se torna muito mais fácil informar e ilustrar a matéria, de maneira com que a informação chegue mais didática e sensibilizando aquele que a recebe, além de, em muitos casos, se tornar algo envolvente, que certamente não será esquecido tão fácil e nem será algo passageiro como por exemplo, as *hard news*.

Jornalista e doutor em História, André Giuliano Mazini (2010) em seu artigo “O uso da descrição e do diálogo aberto na narrativa jornalística: Em busca de um jornalismo (re)humanizado” fala sobre a importância de o jornalista entender que o leitor precisa compreender tudo que se passa no momento da leitura, é preciso fazer com que a história seja sentida mesmo por aqueles que não a vivenciaram.

Para que um texto permita ao leitor compreender o tema tratado, é necessário que esse leitor esteja incluído, ainda que momentaneamente, naquele que lhe é informado. O texto que visa uma máxima compreensão nessa perspectiva deve fornecer subsídios suficientes, para que, no momento da leitura, o receptor veja o que viu os personagens da matéria, saber sobre suas aparências, ouvir o que eles ouviram, sentir o que eles sentiram etc. (MAZINI, 2010, s/p.)

Para um jornalismo humanizado, é preciso realizar uma apuração onde o jornalista não se relacione com o tema como se fosse um objeto, mas sim, com outros seres humanos envolvidos em questão. Em sua relação com a matéria, o jornalista precisa se limpar de preconceitos, ouvir e escutar e principalmente sentir, para que seja possível colocar de maneira pura e verdadeira toda a essência dos acontecimentos e relatos que compõem a reportagem. O jornalista precisa procurar compreender todos os sinais que acontecem de acordo com a realização da matéria, a expressão de seus entrevistados, sentimentos e falas, para proporcionar ao público muito mais que uma história ou relato, mas sim a compreensão de determinado tema.

O espírito questionador do jornalista não pode se restringir aos dados, aos entrevistados. Mas o questionamento deve ser ainda maior sobre “o que estou fazendo, como estou fazendo, por que estou fazendo” dessa ou

daquela forma. É uma questão de compromisso – com a sociedade. (IJUIM, 2016, s/p.)

Informar é dever de todo o jornalista, mas a escolha de como fazer isso acaba sendo, algumas vezes, pessoal. Eliane Brum, jornalista e escritora é referência no assunto com diversos livros publicados, onde utiliza uma linguagem literária e realiza um jornalismo humanizado. Ao ler obras escritas por Eliane Brum, como “*A vida que ninguém vê*” e “*Olho da rua*”, é possível perceber como a autora trata as pautas de maneira diferenciada, dando prioridade para aqueles que normalmente não têm voz e nem visibilidade. É perceptível o respeito que a autora tem pelo tema e com os entrevistados, sem nenhuma espécie de prejulgamento.

Enxergar o jornalismo como além da informação, a experiência vivida pelo narrador e principalmente a história sentida pelo personagem, certamente, gera um produto com caráter além de informativo, sensível. Uma informação que ficará para a história.

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

2.1 Pré-produção

Sempre tive muito claro de que eu gostaria de tratar algum tema relacionado a Bahia, em meu Trabalho de Conclusão de Curso. A minha vontade era tratar de um assunto que realmente me interessasse e que tivesse um significado além do acadêmico para mim. O sentimento, desde que deixei Salvador para estudar jornalismo em São Paulo, era de dívida e, a minha contribuição com o meu estado, seria refletido no trabalho realizado ao final da graduação. Além disso, sempre tive muita vontade de fazer um trabalho com caráter de denúncia, utilizar da minha pesquisa e principalmente o conteúdo jornalístico para de fato exercer, o que eu acredito que seja a principal tese do jornalismo: informar.

Foi assim que comecei a pensar: quais temas relacionados a Bahia são pouco conhecidos e que existe um grupo minoritário que, de certa forma, teria o meu trabalho como uma oportunidade para ter voz? Comecei a pesquisar muito sobre a

Bahia como um todo, são quase de 500 anos de história, uma cultura extremamente rica, havia muitos assuntos. Quando de repente, me veio Jorge Amado à cabeça. Pensei que seria incrível e muito significativo para mim, poder juntar um dos meus escritores favoritos ao meu Trabalho de Conclusão de Curso, comecei a pesquisar mais e não demorou muito para eu me deparar com o cacau e toda a presença e reconhecimento que a Bahia tem relacionado ao fruto, comecei a me aprofundar mais nas pesquisas, quando me deparei com uma realidade pouco discutida e até mesmo desconhecida por mim: a realidade dos meeiros nas lavouras de cacau na região sul da Bahia.

Assisti alguns documentários e li alguns livros sobre o tema e até pensei em desistir, pois aquilo me chocou de tal forma que pensei que não teria coragem de ir a fundo no tema e conversar com os meeiros. Mas decidi seguir e tendo sempre em mente o meu principal objetivo: dar voz a esse grupo minoritário, expor essa realidade tão pouco discutida e ausente na mídia. Foi assim que cheguei ao meu tema final.

Inicialmente, a opção era fazer um documentário, mas com o avanço da pandemia, percebi que ficaria inviável viajar para realizar as gravações e como os meeiros quase não tinham acesso à internet, ficaria ainda mais difícil gravar à distância. Foi quando, em uma conversa com a minha orientadora, ela sugeriu que eu fizesse uma webreportagem. Eu já havia realizado um trabalho semelhante ao produto, na disciplina de Jornalismo digital e Narrativas Transmídiaicas, feita no quarto período da faculdade, portanto estava familiarizada e gostei bastante da ideia, então resolvi acatar.

O processo de pesquisa teve seu início voltado para as obras de Jorge Amado relacionadas ao tema. *Cacau* (1933), *Terras do sem fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) foram alguns dos livros lidos por mim. Depois procurei livros voltados para o tema, por mais que fossem poucos, encontrei um chamado *Os Meeiros do Cacau do Sul da Bahia*, escrito pelo

antropólogo e pesquisador Emiliano Dantas. Emiliano morou no sul da Bahia por um tempo para estudar os meeiros, suas relações de trabalho e suas relações com as lavouras de cacau. Além disso, assisti documentários relacionados ao tema, como a reportagem investigativa realizada pela *Câmera Record* em 2019, além de outros voltados para a questão do trabalho escravo no mundo na produção de cacau, como *O lado Negro do Chocolate*. Além disso, diversos artigos relacionados ao tema foram lidos por mim, que encontrei através do *Google Scholar*.

Por conta da pandemia e da distância das fontes, que na sua grande maioria, estavam localizadas em Ilhéus, interior da Bahia, todas as entrevistas foram feitas à distância. No total, cinco entrevistas foram realizadas.

A primeira entrevistada foi a jornalista Adriana Farias, responsável pelo documentário da *Câmera Record*, um dos primeiros materiais que encontrei relacionado ao tema e que só instigou a minha vontade de ir a fundo com a pesquisa. Entrei em contato com ela pelo *Instagram*, onde ela me respondeu bem rápido e logo marcamos uma conversa pelo *Google Meet*. A entrevista durou cerca de duas horas e foi muito enriquecedora, pois além de falar sobre o que ela vivenciou ao realizar a matéria, ela também falou muito sobre o processo jornalístico para realizar o documentário, me dando muitas dicas de apuração.

Logo em seguida, entrei em contato com Emiliano Dantas, já havia lido o livro e alguns trabalhos dele. Entrei em contato por e-mail, que logo me respondeu, marcando uma entrevista via *Google Meet*.

Desde que decidi que faria o meu trabalho sobre esse tema, ingressei em diversos grupos no *Facebook* voltados para moradores da região de Ilhéus e Itabuna. Realizei algumas postagens nos grupos pedindo indicação de meeiros para entrevistar e foi quando encontrei Ronildo Souza. Abordei ele através do chat do *Facebook* e, posteriormente, me passou seu telefone e, realizamos uma ligação. Ele

não queria que fosse por vídeo e nem que fossem utilizados sua voz e imagem. A entrevista durou cerca de 40 minutos.

A outra entrevista foi realizada com o presidente do sindicato, Uilivan Evangelista. Encontrei seu telefone no próprio site do sindicato, liguei, expliquei minha pesquisa e marcamos a entrevista. Foi muito complicado realizar a entrevista pois onde ele morava o sinal era ruim. Então realizamos via *Whatsapp*, onde mandei as perguntas e ele respondeu por áudio. Além disso, ele me indicou outro meeiro, Joseval Gilberto, que entrei em contato por telefone e realizamos a entrevista por lá também. Joseval não tinha redes sociais e nem computador para realizamos de outra maneira, ele também não queria que fosse gravado. A entrevista durou cerca de 50 minutos.

Certamente, a realização das entrevistas foram algumas das maiores dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento. Além de ser difícil encontrar os meeiros, poucos têm um bom acesso à internet e, principalmente, o receio de falar sobre o tema. Entretanto, todos foram muito solícitos, rendendo um material suficiente para o que eu precisava.

2.2 Produção

Após ter uma boa base teórica, finalizar todas as entrevistas e decupar as mesmas, comecei a pensar no texto. Para mim fazia mais sentido estruturar o texto e ao longo da escrita ir encaixando quais elementos multimídia fariam mais sentido aparecem e quais complementariam a narrativa. Feito isso, comecei o processo de escrita, que fluiu muito bem, o fato de ter bastante contexto histórico, dados e boas falas das entrevistas, ajudou muito.

Pude aproveitar três clipes da conversa com Emiliano e quatro áudios da conversa com Adriana, o material foi editado no *Shotcut* e os áudios foram tratados no *Audacity*. Não foi possível inserir áudios e vídeos dos meeiros, uma vez que os

mesmos não quiseram compartilhar. Também decidi não inserir os áudios com o presidente do Sindicato, pois eles não estavam com uma qualidade boa. Dentro dos elementos midiáticos, também foi inserida uma galeria de fotos cedidas pelo presidente do sindicato.

Durante a escrita do texto, pensei em algumas frases de Jorge Amado que eu gostaria de dar destaque, para dar um tom mais sensível e literário ao texto. Decidi então dividir o texto em três partes: *Os Meeiros do Cacau*, *Terras Adubadas com Sangue*, *Ilhéus*, *A Terra dos Frutos de Ouro* e *Os Novos Coronéis*. Além de inserir ao longo do texto alguns hiperlinks com outros textos sobre Jorge Amado, Ilhéus, a praga vassoura-de-bruxa. Além de dois documentários sobre a produção de cacau.

Depois de produzir todo o texto, separar os elementos audiovisuais que eu gostaria de utilizar, eu comecei a projetar como eu gostaria que fosse o site. Sempre tive em mente que a ideia era fazer algo imersivo, com um caráter mais literário e humanizado, trazendo à tona a sensibilidade relacionada ao tema.

2.3 Pós-produção

Já com o texto pronto e todo o conteúdo editado para inserir na webreportagem, comecei a produzir o site. Como já havia tido contato com a plataforma *Wix*, decidi utilizá-la para a criação da matéria. Inicialmente, estava com a ideia de contratar algum designer para fazer esse trabalho, mas aos poucos decidi fazer por conta própria e senti que estava fluindo bem, além de sentir a necessidade de o trabalho ter um pouco o traço da minha personalidade, minha assinatura, então decidi abraçar o desafio de produzir sozinha.

Como queria fazer algo imersivo e que lembrasse as lavouras de cacau, decidi colocar uma imagem animada por trás de todo o texto e para não dificultar a leitura, optei por colocar caixas de textos que remetesse a cor do cacau e da terra. A ideia era que tudo remetesse às lavouras, aos meeiros. Além disso, escolhi colocar

uma fonte que remetesse às antigas máquinas de datilografia, pensando na época dos escritos de Jorge Amado. Também procurei por algumas imagens em bancos livres de utilização, para fazer algumas galerias de fotos sobre o trabalho nas fazendas com o cacau e a cidade de Ilhéus. Gostaria de ter colocado fotos autorais, mas por conta da pandemia não foi possível viajar até o local.

Inicialmente, a ideia era de que a reportagem fosse apenas de uma página, utilizando a ideia do texto *longorm*, com matérias mais longas e elementos digitais espalhados ao longo do texto em uma única página, mas depois decidi acrescentar outras páginas onde inseri os documentários citados ao longo da reportagem, informações sobre Jorge Amado, a vassoura-de-bruxa e Ilhéus. Acredito que levando em consideração o caráter informativo para o leitor, e para dar visibilidade ao tema, fez sentido colocar mais informações no site, sem que interferisse na leitura da reportagem. Os hiperlinks podem ser acessados a qualquer momento do texto, seja no decorrer da leitura ou no final.

A escolha do título foi baseada no contraste entre toda a riqueza que o cacau promove, principalmente com a venda de chocolates, uma das maiores indústrias do mundo, com a realidade vivida pelos trabalhadores e suas famílias que vivem uma vida totalmente contrária àqueles que vendem os produtos provenientes do cacau. Além de fazer referência a uma música escrita por Jorge Amado em conjunto com Dorival Caymmi, *Cantiga de Cego*, que também foi disponibilizada no site, para quem deseja conhecer e escutar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação vivenciada por milhares de meeiros e suas famílias nas lavouras de cacau no sul da Bahia, me parece ser um dos temas importantíssimos para ter voz através do jornalismo, visto que o cacau e a economia que ele gera é tão repercutida na mídia, mas o que está atrás disso, infelizmente, não.

Apesar de não existir uma quantidade razoável de materiais especificamente sobre os meeiros, há muitos materiais sobre o ciclo do cacau e contexto histórico dele, além de estudos relacionados a Jorge Amado, Ilhéus e a vassoura-de-bruxa, o que contribuiu muito para o entendimento de várias aspectos tratados na peça, principalmente as relações de trabalho exercidas nas lavouras, um dos maiores problemas atuais.

Com a realização deste trabalho, pude me aprofundar em um assunto que já tinha um breve conhecimento, além de descobrir novos materiais, o que tornou o processo muito interessante e rico, não apenas em âmbitos acadêmicos, mas também pessoais.

A decisão de realizar uma webreportagem, certamente foi uma das mais assertivas. Inicialmente, eu estava presa ao documentário, por sempre me identificar muito com o audiovisual, mas poder juntar texto e os elementos midiáticos foi algo muito prazeroso e interessante, fazendo com que eu mantivesse a minha ideia inicial de poder ter a presença do audiovisual na peça.

Portanto, todos os fatores citados contribuem para que o objetivo principal do trabalho, que era exibir a realidade dos meeiros nas lavouras de cacau no sul da Bahia, fosse alcançado. Também fiquei muito satisfeita com a criação e estilo do site, que foi um desafio, mas o resultado foi semelhante ao que eu havia imaginado quando decidi realizar o produto pela primeira vez. Entendo e reconheço a importância do impacto visual no resultado e certamente, se beneficia muito quem

contrata um designer para a produção do site, mas eu optei por realizar com meus conhecimentos. Escolhi esse desafio, para dar a minha verdadeira assinatura à reportagem, além de poder aprender mais sobre.

A realização deste trabalho foi um processo longo que envolveu muita pesquisa e dedicação, algumas dificuldades por se tratar de um tema pouco explorado e pouco comentado, assim como as pessoas que não sentem muita vontade em se abrir, principalmente os meeiros, personagens principais da matéria. Certamente, teria sido mais satisfatório e instigante se eu tivesse realizado presencialmente a reportagem, o que não foi possível devido às dificuldades impostas pela pandemia do coronavírus. De fato, fazer à distância foi um desafio, mas no final, consegui tratar e expor um tema ligado às aspirações sociais que era o meu desejo.

Contudo, a realização deste trabalho contribuiu para a consolidação da minha percepção do jornalismo. Acredito que no Brasil, um país onde há tantas desigualdades sociais, cada vez mais é necessário a presença de jornalistas que exercem um trabalho ético e de serviço público. Levando informação, gerando debates e pensamentos críticos em temas que precisam ser discutidos.

“Jornalistas não podem se autocensurar. Não podemos nos calar por conta de publicidades, empresas anunciantes e o que a mídia quer que seja publicado. É preciso falar, noticiar e informar. Trazer à tona informações que as pessoas precisam saber. É colocar em prática a essência pura do jornalismo, para gerar incômodo, debates importantes e necessários”, destaca a jornalista Adriana Farias.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. São Paulo: Martins, s/d.

_____. **São Jorge dos Ilhéus**. São Paulo: Martins, s/d.

_____. **Cacau**. [52° triagem]. Rio de Janeiro: Record, 200

ALTERJOR, Revista. **Jorge Kanehide Ijuim: SOBRE O JORNALISMO HUMANIZADO**. Volume 01. Edição 13. São Paulo; 2016

CAETANO, Kati; DAL-VITT, Fernanda Carraro. **O uso da narrativa transmidiática no jornalismo**. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 6, n. 19, p. 263-276, dez. 2016.

CEPLAC. **Diagnóstico socioeconômico da região cacauzeira: mão de obra e elementos de relações de produção**. CEPLAC, Bahia, 1976.

COSTA, Francisco; SOARES, Naysi. **Cacau: riqueza de pobres**. Ilhéus. Editora da UESC, 2016.

DANTAS, Emiliano. **Os Meeiros do Cacau do Sul da Bahia: Trabalho, corpo e documentação**. Pernambuco, 2014.

ESTATUTO DA TERRA. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d59566.htm> Acesso em: 05 de jun. de 2021.

IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ilheus/panorama>> Acesso em: 09 de jun. de 2021.

IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/itabuna/panorama>> Acesso em: 09 de jun. de 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 432 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LONGHI, Raquel; WINQUES, Kérley. **O Lugar do Longform no Jornalismo Online**. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693/621>> Acesso em: 30 de jul. de 2021.

MAZINI, GIULIANO, André. **A estética autoral da narrativa jornalística contemporânea: História de brasileiros**. São Bernardo do Campo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/906/1/Andre%20giulliano.pdf>> Acesso em: 30 de jul. de 2021.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. **Jornalismo Transmidiático ou Multimídia?** Interin, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 1-10, dez. 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5044/504450763010.pdf>>. Acesso em: 04 de jul. de 2021.

SCOLARIA, A. Carlos. **Ecologia dos meios de comunicação, alfabetização transmídia e redesign das interfaces**. Disponível em: <<file:///C:/Users/corpc34530831/Downloads/153214-Texto%20do%20artigo-327485-1-10-20181228.pdf>>. Acesso em: 04 de jul. de 2021.

APÊNDICES

Re: Termo de autorização imagem e voz

AF

Adriana Farias <adrianafarias9@gmail.com>

Seg, 25/10/2021 08:05

Para: Você

Eu, ADRIANA DE FARIAS, portador do RG Nº 33.263.714-1 e CPF Nº 311.664.428-45 autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções, em programas da TV Mackenzie, em programas de outras emissoras, e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas:

São Paulo, 25 de outubro de 2021

Adriana de Farias

Obrigada,

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Emiliano Ferreira Dantas, portador do RG Nº 5804712 e CPF Nº 045322184-03, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para a realização da pesquisa e WebReportagem (Cacau Amargo: O outro lado da história do fruto mais amado do Brasil) realizado pela aluna Laura Quadros Antunes (CPF: 060.885.905.-21 e RG:13.738.511-04) do Instituto Presbiteriano Mackenzie e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Local e data: Lisboa, outubro de 2021.

Assinado: 